



NA LINHA DE FRENTE
Orlando Villas Bôas hoje
(ao lado) e no primeiro contato
com a tribo indígena Txicão,
no Xingu (acima), em 1961

ADMINISTRAÇÃO

Burocrata trapalhão

O presidente da Funai demite Orlando Villas Bôas por fax a pretexto de corrigir a folha de pagamentos

O nome de Orlando Villas Bôas está eternizado na *Enciclopédia Britânica*, o dicionário de conhecimentos gerais mais importante do mundo, ao lado do verbete "Villas Bôas, Claudio". Os dois eram irmãos. Claudio morreu em 1º de março de 1998. Orlando e Claudio formavam a mais respeitada dupla de sertanistas e indigenistas contemporâneos. Foram responsáveis pela descoberta de 21 tribos indígenas. Acreditavam integrar suavemente os índios à sociedade.

Orlando morou por 48 anos seguidos em tribos às margens do Rio Xingu, entre os Estados de Mato Grosso e do Pará. Em 1943 ele, Claudio e outros dois irmãos, Leonardo e Álvaro, chegaram às tribos depois de caminhar por 11 meses. Em 18 ocasiões, foram atacados com arcos, flechas, lanças e bordunas. Em 1965 o clã Villas Bôas conseguiu convencer o governo da necessidade de criar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1971 e em 1975, Orlando e Claudio Villas Bôas foram indicados para receber o Prêmio Nobel da Paz.

Desde 1974 Orlando recebe uma pensão vitalícia de R\$ 1.316, concedida pelo então presidente Ernesto Geisel. Além

dela, tem direito a uma aposentadoria de R\$ 900, paga pelo INSS. Em 1999 a Funai concedeu-lhe um salário de R\$ 1.181,38 por "assessoria superior". Às 22h59 do dia 25 de janeiro Orlando perdeu o cargo. Recebeu a demissão por fax. Estava assinada pelo advogado Carlos Marés de Souza Filho, presidente da Funai. Marés nunca dormiu em redes armadas em tabas nem conviveu com índios por mais de 12 horas. Costuma encontrá-los nos tribunais - defende-os em conflitos de terras. Marés conhece vagamente as aventuras de Villas Bôas. Crê ter agido bem ao cassar-lhe a pensão. Para ele, o indigenista deveria estar constrangido por receber sem trabalhar. "Não discuto a demissão, mas a maneira como foi feita", diz Villas Bôas. O presidente Fernando Henrique Cardoso tentou corrigir o ato do subordinado. "Foi coisa de burocrata", disse a Villas Bôas por telefone. O sertanista de 86 anos aceitou o convite de FH para colaborar com o Conselho Indigenista. A burocracia rendeu-se à biografia de Orlando Villas Bôas. ■

PATRICIA CERQUEIRA E
CARLOS ALBERTO JR., DE BRASÍLIA

ENTREVISTA

Decisão abençoada pela frieza das leis

Carlos Marés de Souza Filho acha que o ato foi correto

O presidente da Funai, Carlos Marés de Souza Filho, não se arrepende de ter demitido Orlando Villas Bôas. Diz que o sertanista deveria ter tomado a iniciativa de sair da Funai.

ÉPOCA: Por que Villas Bôas foi demitido da Funai?

Carlos Marés de Souza Filho: Comecei a revisar todos os cargos de confiança da Funai. Quando descobri o que ele fazia, percebi que era algo benemérito. Recebia também uma pensão especial. Como a lei proíbe o acúmulo de salários, foi exonerado.

ÉPOCA: O senhor se arrepende do que fez com o sertanista?

Marés: A demissão aconteceria de qualquer forma. Nem sugeri que ele devolvesse o dinheiro recebido indevidamente.

ÉPOCA: O senhor procurou saber se Orlando Villas Bôas tinha qualquer outra renda para se sustentar?

Marés: Se dependesse só disso, poderia fazer uma gestão no Congresso para aumentar a pensão. Ele preferiu anunciar a demissão pela imprensa. Se não tivesse dois vencimentos, não o demitiria. Arranjaríamos algum trabalho para ele.

ÉPOCA: A repercussão foi exagerada?

Marés: A demissão foi uma bobagem. Com qualquer outro, não haveria nada. É curioso como fizeram uma guerra política com um ato administrativo correto.

MARÉS FILHO
"Poderia pedir a devolução de pensões"

